

MOC: MINHA TERRA

Extração do primeiro capítulo das “Confissões”

Montes Claros, onde nasci, que nós, os de lá, gostamos de chamar carinhosamente de Moc, fica no Norte de Minas. Por muito tempo estive mais ligada à Bahia, daí que minha gente fale com sotaque baiano, dizendo dezoitxo, ou muitxo, e exiba uma alegria cantante que não é qualidade mineira.

Moc se ligou ao Sul pela estrada de ferro que lá chegou em 1924, levada por Francisco Sá, poderoso ministro da Viação de Artur Bernardes. Como ponto de linha, por muitas décadas se tornou um empório de comércio regional, estação de embarque de gado gordo para os matadouros e de mineiros magros para serem baianos em São Paulo. Como eu.

Converteu-se, também, por virtude do comércio concentrador de gentes, no maior puteiro de Minas. Célebre por suas putas lindas e prendadas, como Maria das Chupetas, que todo mundo gabava. E a saborosa Manga

Rosa, gordíssima e branquíssima, que por essas qualidades nos encantava.

Montes Claros de eu menino se orgulhava de ter mais de 20 mil habitantes. Cresceu tanto que supera agora os 200 mil. Coitada. Daqueles vinte, um quarto vive no casco da cidade. O restante nos arredores: Roxo Verde, Cintra e outros. A cidade antiga expandiu-se tanto que esgarçou. Não sobrou nenhum dos prédios mais velhos. Apenas uns sobradões e a catedral velha lembra a antiga grandeza.

Quando vou lá fecho os olhos da cara e abro os da memória para ver minha cidade tal qual era. Montes Claros só existe de fato dentro de mim, como coisa pensada. No meu tempo, era um casario baixo, caiado, sobre ruas empedradas em pé-de-moleque que só se prestavam bem a pés descalços. Os elegantes, por dever social, andavam calçados, se equilibrando. As mulheres cambaleavam em sapatos altos. Uma acrobacia. Mas era tudo plano, tanto que nós, meninos, gostáva-





mos de correr pelo rego da rua com os olhos no céu para ter a ilusão de que a Lua é que corria. Lindo.

A cidade era uma ilha de verdor pela quantidade enorme de árvores frondosíssimas de quintais: mangueiras, jaqueiras, pitombeiras, jatobazeiros, cajuzeiros, birosqueiros e muito mais. Desapareceram em loteamentos dos terreiros para edificar novas casas e, depois, com a abertura de garagens. Lembro-me de umas quantas árvores, enormíssimas, que conheci pessoalmente, inclusive três palmeiras imperiais e um solitário eucalipto. Todas se foram.

O que transitava nas ruas eram tropas de burros, às vezes vindas de muito longe com seus “cometas” lusitanos, que traziam mercadorias para o comércio e procuravam noivas ricas em terras e bens. Dois deles se casaram em minha família, entre os Ribeiro, naturalmente.

Rodavam também, nas ruas, rangentes, grandes carros de bois puxados às vezes por três ou quatro juntas. Carregavam lenha para vender nas casas e porcos gordos que vinham das fazendas por encomenda. Dizia-se que o melhor negócio do mundo era safra de milho ensacada em porcos.

Minha família comprava um por mês. Sua chegada era dia de festa. Para sangrar, ouvindo sua berraria, aparando o sangue e depois carneando. Para tirar as tripas, que nós meninos lévavamos para o fundo do quintal para esvaziar e lavar. Era um gozo meter a mão naquela merda gorda que jogávamos uns nos outros. A alegria maior era das galinhas, que se assanhavam e vinham enfeixadas como doidas querendo comer aquele pitéu. Para carnear retirando e salgando quase inteiro o toucinho com o couro. Para juntar a banha, escaldá-la, a fim de preservar pedaços de carne frita botados dentro. Para passar a tarde enchendo braçadas de lingüiça com carne cortada aos pedacinhos e bem temperada com

sal, pimenta e muitos cheiros. Uma alegria.

Minha casa, dos Silveira, tinha jardinzinhos laterais de flores e temperos e, passando um portão, uma quantidade de árvores enormes. Boas para subir, pular, brincar de Tarzã e cair. E às vezes machucar. A casa tinha uma parte nobre com assoalho de largas tábuas laváveis, onde ficavam a sala de receber visitas, sempre muito arrumada, o cartório de meu avô, aberto em quatro portas para a rua, e os quartos mais nobres, com um quartão de tomar banho em grandes bacias.

Depois se ia para uma sala íntima, uma sala de almoço e a cozinha. Esta tinha um janelão formidável. As dobradiças eram pregadas pelo lado de baixo, o que permitia abrir-se sobre um toco, na forma de uma grande mesa de cozinha. Dali se ia à cisterna retirar água com balde dependurado numa corda, que se enrolava num eixo de manivela bem lavrado e perigoso quando se largava com a lata d’água cheia. Quase quebrou meu braço. Para além ficava o quarto das criadas. Externamente havia uma outra puxada, que era o quarto dos rapazes da casa, com acesso livre para a rua.

No quintal lateral ficava o quarador de lavar roupas e secá-las em aramados. Um deles, bem pequeno, me fascinava, porque secava toalhinhas minúsculas, fofas e felpudas, que eu era proibido de tocar. Foi naquele canto que meus tios montaram, quando eu já tinha uns sete anos, a maravilha da casa. Um arranjo para suspender uma lata d’água fria ou morna que escorria por um chuveiro. Maravilha.

No fundo do quintal ficava um buraco fundo e fétido que tinha em cima um quadrado de madeira com buraco no meio para a gente se agachar e despejar. O luxo, invejado, era um arame grosso onde ficavam, devidamente recortadas, páginas do Diário de Minas, que minha mãe recebia na qualidade de professora pública. Só publicava atos oficiais,

mas na segunda página pretendia fazer-se literário, trazendo textos que às vezes se conseguia ler e telegramas de congratulações ao governador. Quem não tinha jornal usava palha de milho e sabugo.

O motor que realmente movia as casas eram as criadas. Meninas trazidas das fazendas que lá cresciam encarregadas de todo o serviço: cozinhar, lavar, passar, varrer. Não tinham salário. Ganhavam restos de roupas e sapatos. O pior é que não tinham nenhum contato externo, o que as impedia de namorar e casar. Envelheciam e morriam no serviço, aparentemente muito queridas como pessoas da família, mas de fato escravas vitalícias. A mais antiga lá de casa, Dóia, morreu de velha. A mais nova, Maria, já nos tempos de mamãe, conseguiu concluir o curso primário. Pediu licença então para ser freira. Lá no convento arrepiou carreira, arranjou marido e casou.

O crescimento espantoso de Montes Claros invadiu sítios dos arredores que, loteados, enriqueceram mais gente que o trabalho nas fazendas e nas lojas. O herói desse negócio é meu primo Roberto, dono de mais de mil lotes, que negocia com argúcia e lucro. Tanto que é o único parente meu que usa u carrão do ano. Seu raciocínio é primoroso: “Esse negócio de lote tem suas manhas. Só vendo um lote quando tenho um outro em vista para comprar, melhor e mais barato. Senão, não! É preciso manter o estoque e só gastar o rendimento”.

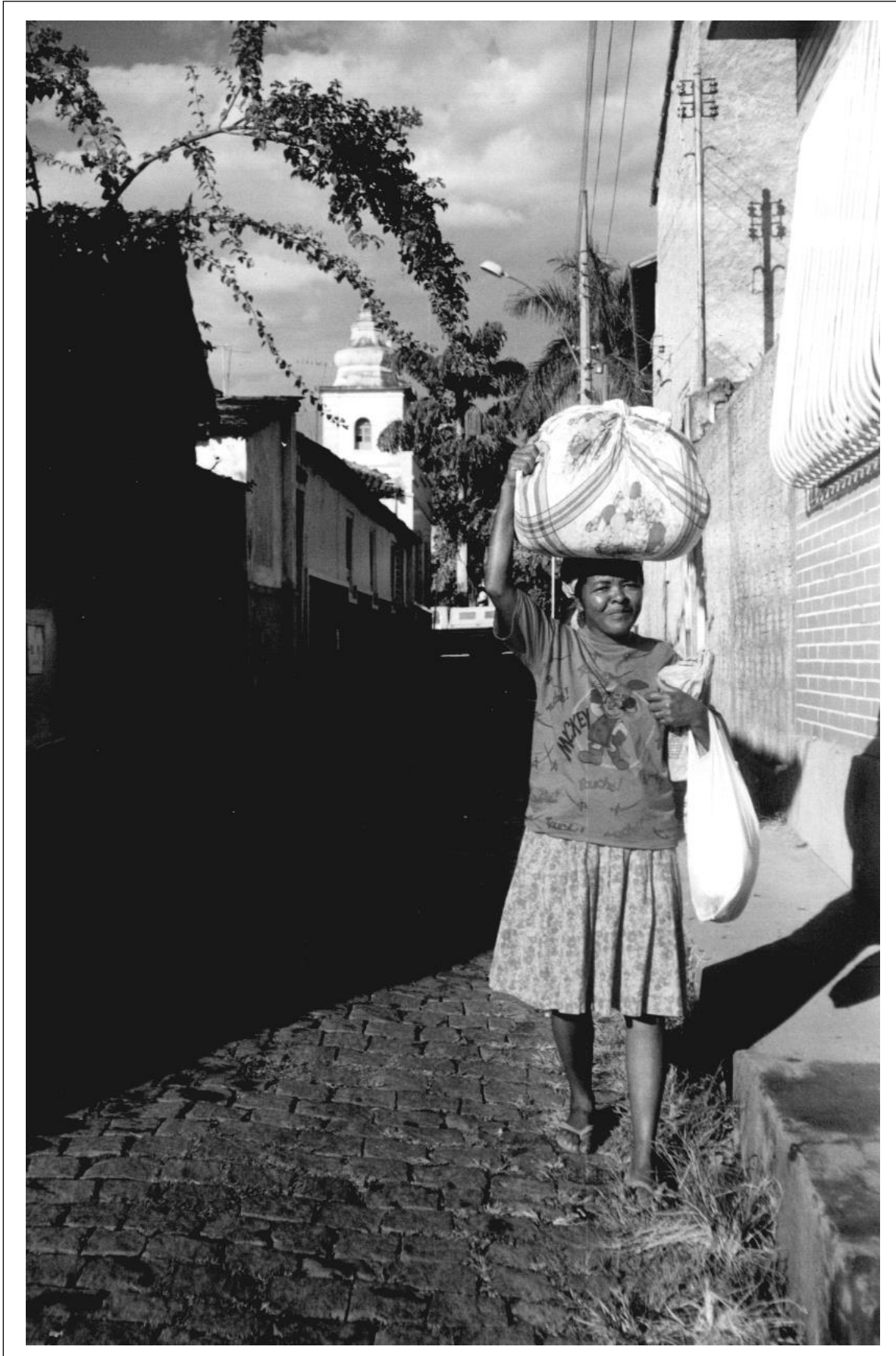
Uma das coisas mais preciosas da cidade era a farmácia de Mário Veloso. Sobre tudo o salão de dentro, onde faziam aviamento de receitas, misturando essências, tinturas, xaropes e porcarias muito fétidas, mas boas de curar doenças feias. O espetáculo melhor era aos sábados, quando o povo da roça que vinha à feira ia dar lá para pedir remédios para o estupor, entalo, nó nas tripas, espinhela caída, papo simples ou de bolas, engasgo, que-

branto, verrugas, erisipela e outras desgraças. Para tudo seu Mário tinha remédio.

As feiras de Moc eram meu encantamento. Sobre tudo aos sábados, com a animada feira em que milhares de matutos traziam do mato as frutas silvestres: pequis, bacuparis, panãs, jatobás, araçás, cagaitas, jenipapos, jabuticabas, cajus; os frutos de suas roças: milho comum e de pipoca, feijões-de-corda e outros, mangaritos, que são batatas maravilhosas, batatas mesmo, comuns e doces, mandiocas, abóboras e morangas. Ótimas também eram suas ofertas de queijos, requeijões, fubás e farinhas diversas, palmito doce e amargo, amendoim, doce de buriti, doce de leite em palha de milho, doce de coalhada, rapaduras, santantônios e melados.

A feira se extravasava para a frente e para o fundo do mercado, onde as mercadorias eram mostradas dentro das bruacas, ao lado dos burros que as trouxeram. E durava o dia inteiro. Tinha quarteirões marcados, como o dos violeiros e cantadores, onde sempre havia desafios em versos. O das oleiras, com seus potes, panelas, pratos e esculturas de brincadeira. O dos curandeiros, oferecendo folhas de lorna, mastruço, sabugueiro, babosa, manjerição, funcho, jurubeba, coentro, alfazema, alecrim e pimentas verdes, maduras e secas. Lá também vendiam a cebola ciganinha, que é uma delícia, óleo de pequi e outras maravilhas. Ainda hoje não resisto ver uma feira sem atravessá-la de vendas abertas, procurando as velhas ofertas do mercado de Moc.

A vida era pacata, no mundo em que tudo acontecia devagar. Afora as eleições, em que o povo se agitava, e as revoluções, que foram uma só, tudo corria nos eixos. O povo apaixonadamente dividido em partidos, recheados de ódio e ciúme local, mas ambos governistas, tanto que mais tarde se resumiram a dois, o PSD autêntico e o PSD ortodoxo.





O que tinha presença para mim na Moc de minha infância era a gente ativa e trabalhadeira como minha mãe e seus irmãos, um casal de homens casados que eram os principais alfaiates da cidade, dois barbeiros, um tocador de bandolim, os donos das lojas. A gente rica e mandona, como os meus tios Ribeiro, nem sequer se deixavam ver. O que se encontrava como gente passadeira de pitos era uma resma de velhos carecas que não morriam eu não sabia por quê. Seu Catão, do grupo, seu Polidoro, meu professor de Português, João Câmara, fazendeiro magrão de doer, seu Antônio dos Anjos, que sabia latim, e outros. Isso era a natinha, posta em cima do povo do fundo que se via nas feiras e nos quintais das casas.

Com o progresso, as ruas da cidade se modernizaram - francamente iluminadas, com as praças ajardinadas, tudo bonito. Feio, apesar de necessário, foi matar o lindo rio Verde Pequeno, de água salobrosa, mas bom para tomar banho e pegar xistosa. Dois coleguinhas meus morreram disso. Gostava demais daqueles banhos, de ver as piabinhas piabando e as itãs maravilhosas, que não gos-

tavam muito de se abrir. Eram tantíssimas que um espanhol empreendedor decidiu fazer delas uma fábrica de botões de madrepérola para camisa de homem. Faliu. Um prefeito converteu meu riozinho num rego de portar bosta. Mas aos lados abriu uma avenida colossal que permitiu criar uma terceira cidade. Agora é Montes Claros de cima, Montes Claros de baixo e Montes Claros do lado de lá do rego do Toninho.

Quando voltei a Moc, em 1950, fui contido pelo choro de mamãe para não brigar com o novo bispo da cidade, Dom Antônio de não sei o quê. O bandido, doidão e desvairado por dinheiro, pressionou tanto o prefeito e os vereadores que conseguiu autorização dos idiotas para um crime: lotear o cemitério secular da cidade. Nada menos. Cada família que tinha enterrados ali seus avós teve de desenterrar os ossos deles e reenterrá-los no cemitério de Dom Antônio, fora da cidade, pagando caro um novo carneiro perpétuo. O amplo cemitério antigo do centro da cidade, ao lado da nova catedral, foi loteado para casas de putas, porque para nenhuma outra coisa servia.

